



CHICO LOPES

“A literatura sempre se alimentou de tipos proscritos, solitários, pobres-diabos, capazes de olhar a sociedade com a impiedade necessária de quem esteve na chuva e se encharcou”

A produção artística de Chico Lopes se estende por vários gêneros: conto, novela, romance, ensaio, poema, letra de música, autobiografia, tradução, pintura, colagem... Em todos eles, o que parece uma marca forte, uma espécie de fonte de coesão, é o interesse pela figura do pobre-diabo.

Segundo José Paulo Paes, certos romances de Aluísio Azevedo, Lima Barreto, Graciliano Ramos e Dyonélio Machado fariam parte de uma tradição de representação de pobres-diabos na literatura brasileira. O interesse pelo indivíduo sem nenhuma importância atravessa o tempo, conforme atestam importantes obras de Lúcio Cardoso, Clarice Lispector e Dalton Trevisan, por exemplo. O crescimento contínuo do público de Chico Lopes comprova a atração exercida pelos matizes contemporâneos do pobre-diabo, evidentemente quando trabalhados com sensibilidade.

Nosso entrevistado nasceu na cidade paulista de Novo Horizonte, onde viveu até os quarenta anos. Mas foi na mineira Poços de Caldas que começou a publicar: cinéfilo inveterado desde garoto, acabou trabalhando como programador e apresentador do Cinevideoclube do Instituto Moreira Salles, que editou seus dois primeiros livros de contos, *Nó de sombras* (2000) e *Dobras da noite* (2004).

Sempre interiorano, Chico Lopes atualmente mora na pequena e turística Brotas, onde, graças à quebra de distâncias proporcio-

nada pela internet, se sustenta da escrita, entre produções próprias e traduções, além da participação em eventos e júris literários. Foi da cidade paulista que respondeu às perguntas que lhe mandei por e-mail, nas quais abordo aspectos específicos de sua obra e, em seguida, abro o foco para incluir temas mais amplos, como o mercado editorial brasileiro e a literatura contemporânea.

Como o leitor verá, Chico Lopes é de uma honestidade intelectual a toda prova e se mostra crítico, inclusive, quanto aos mecanismos da indústria cultural. Demonstra consciência de seu lugar como artista em seus relatos das buscas empreendidas em suas diferentes criações, irmanadas por uma paixão pelo campo da estética cuja profundidade nos ajuda a entender o brilho em tudo o que faz.

Lohanna Machado*

* Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

No ensaio “O pobre-diabo no romance brasileiro”, publicado em 1988, José Paulo Paes defende a existência de uma categoria de “romances de pobre-diabo” em nossa literatura. Evocando *O Coruja*, de Aluísio Azevedo, e *Memórias do Escrivão Isaías Caminha*, de Lima Barreto, defende que a categoria não era exclusiva do romance de 30-40, mas não chega a discutir se teria brilhado durante um certo período e, depois, perdido interesse. Já você afirma, em um dos ensaios da coletânea *Um pio de coruja*, de 2015, que suas histórias são tiradas “das esquinas, dos becos, das pensões, das ruas escuras, dos tipos proscritos, de olhares hostis ou cabisbaixos, de Novo Horizonte, de Poços de Caldas, de tudo que vivi e de outro tanto que me permito imaginar”. Sendo assim, você se veria como um solitário revirando temas de outro tempo ou conhece contemporâneos que também dão voz a esses “tipos proscritos”? A despeito da desatenção da crítica e do mercado editorial, o tema continua atual?

Sim, o tema não perdeu a atualidade. Acho, por exemplo, que os problemas do racismo e do jornalismo mercenário, abordados por Lima Barreto em *Isaías Caminha*, só seriam considerados desatualizados por alguém muito desatento. Quanto ao livro de Aluísio Azevedo, não o conheço, portanto não posso opinar. Mas li o ensaio de Paes e o achei muito apropriado. Poderia ser retomado em desdobramentos atuais. É muito instigante e a gente só lamenta que seja curto.

Penso que a questão da atualidade, em obras literárias, é mais ditada por uma crítica de releases preocupada com modas e autores que de repente surgem no cenário ganhando um concurso literário do que com a história da literatura. Atual parece ser sempre “aquilo de que estamos falando agora”, e nada é mais arbitrário. Digamos que um *Dostoiévski*, com sua carga de solitários e pobres-diabos lúcidos como os de *Noites brancas*, *Memórias do subsolo* e outras histórias,

tem mais a oferecer em termos de leitura do mundo, sendo clássico e remetendo a São Petersburgo no século XIX, do que muita coisa escrita no presente. Não temos que nos preocupar com isso de que está se falando agora. O agora é apenas circunstância; a eternidade é o que conta.

Não me vejo hoje em dia como um solitário, mas já o fui, e muito. Aliás, responder a isso equivale a uma confissão redundante sobre a condição humana. A literatura sempre se alimentou de tipos pros- critos, solitários, pobres-diabos, capazes de olhar a sociedade com a impiedade necessária (e também o lírico ressentimento) de quem esteve na chuva e se encharcou.

Sua literatura chama a atenção, entre outros aspectos, por colocar no centro da cena personagens e ambiências periféricas em relação aos grandes centros, mas sem a perspectiva do exótico. Você acredita que, marcadas dessa maneira pelo interior, suas histórias podem atrair o leitor cosmopolita e high tech, ou qualquer tentativa nesse sentido se mostraria inviável?

Não acredito que haja um típico leitor “cosmopolita e *high tech*”, que necessariamente se sentiria pouco à vontade lendo sobre a vivência em cidades interioranas. Quando um escritor atinge um mínimo de universalidade, o que tem a dizer interessa tanto ao habitante da Avenida Paulista quanto a alguém do interior do Tocantins. O que é Macondo, de García Márquez, senão a perfeita metáfora do mundo folclórico e limitado do interior temperado pelo fantástico? Fez sucesso mundial e certamente muitos moradores de Manhattan o leram com deslumbramento. Acho que a literatura é maior do que os temas que a frequentam, as modas que a regem de tempos em tempos. Sempre é preciso distinguir o reino dela, atemporal e

de toda parte, do que é meramente discurso da indústria cultural e seus representantes em jornais, revistas e tevês. Não é botando um sujeito a andar de metrô para cá e para lá e olhando o mundo de um edifício de vidro fumê que se terá a exata perspectiva de um mundo universal. Isso é apenas superficial, acessório.

Realmente, procuro me distanciar desse exotismo fabricado, que tenta dar a ideia de que uma literatura interiorana trataria necessariamente de um mundo ingênuo à parte. A super-urbanização do Brasil e a globalização tornaram as cidades do interior parecidas a subúrbios de metrópoles, com características parecidas, com os mesmos defeitos (violência, anonimato, discriminação interclasses e raças). Foi sempre um olhar complacente, de escritores comprometidos com a classe dominante, que tornou o interior uma espécie de refresco ou passeio turístico, cheio de serenidade (serenidade só possível a abonados ou bem aposentados). Luiz Ruffato observou, com razão, que a literatura brasileira ficou exclusivamente urbana, e eu diria que, ao menos no interior do estado de São Paulo, que é o que conheço melhor, nada é exatamente idílico. E as periferias são muito parecidas em toda parte: ninhos de ressentidos, de violência abafada.

Outro elemento que se destaca em sua obra é a persistência da imagem de duplos constituídos de uma parte “submissa” (sensível, mais intelectualizada, tímida, insatisfeita com sua própria aparência) e de uma parte “dominante” (máscula, atraente, segura de si, boêmia, mas frequentemente representada em decadência). Ao contrário do que se poderia esperar num primeiro momento, são poucos os contos em que esses contatos resultam em relações de inimizade. Muito mais frequente é a representação desses duplos como “amigos”, ainda que se trate de uma amizade cheia de conflu-

tos. A parte submissa orbita em torno da dominante, mas cada uma busca na outra aquilo que lhe falta e os resultados são quase invariavelmente negativos. Qual a razão dessa recorrência?

Eu diria que a pergunta é grande e abrangente demais para mim. O que posso é seguir os ditames de meu inconsciente. Minha infância e minha juventude foram muito marcadas pelo fato de eu me achar pouquíssimo adequado ao mundo masculino que me cercava, invejando os homens “normais”, que seguiam um caminho aparentemente sem dúvidas, de modo que me idealizei também, mas não com muito sucesso. Era muito inibido e contraditório em minhas relações amorosas, sempre oscilando entre o afeto e a hostilidade de maneira muito veemente. Relações tanto hetero quanto homossexuais me davam a sensação de que eu era um neurótico incurável. O amor, as relações íntimas, sempre me despertaram medo ou me deixaram cético (isso é muito claro em *O estranho no corredor*). O mundo da arte me pareceu mais capaz de me satisfazer – e, claro, ao fim ele não passa de um espelho de todas essas contradições.

Em entrevista ao programa Entrelinhas, da TV CULTURA, você declarou ter grande interesse por personagens como Luís da Silva, protagonista do romance Angústia, de Graciliano Ramos, um “pobre-diabo brasileiro típico”, segundo suas palavras. Naquela ocasião, você estava estreando na narrativa longa, com O estranho no corredor (2012), cujo protagonista é um espécime mais contemporâneo de “pobre-diabo típico”. Nessa novela, disfarçada por um léxico descomplicado e sem meias-palavras, parece-me que sua complexidade se instala na relação conflituosa entre o narrador e o protagonista. O discurso frequentemente se trunca pela intromissão da personagem, que forceja por falar

por si. Creio que sua complexidade também resulte da assunção da perspectiva interior, da memória e dos medos primevos. Você diria que há ironia entre as instâncias do narrador e da personagem principal? Qual o motivo da opção pela terceira pessoa?

Parece-me que *O estranho no corredor* é muito mais uma condenação desesperada do atavismo do que qualquer outra coisa. A mania do personagem do professor (que não tem nome), de anotar suas lembranças, foi um expediente para alternar a terceira pessoa com a primeira de um modo que parecesse verossímil, e faz eco de minha experiência. Sim, há aí uma ironia de intervenção minha: sempre fui de carregar cadernos ou bloquinhos de anotações, o que me valeu até o apelido de “Caderninho” nos bares que frequentava em Novo Horizonte, nos anos 70 e 80. Aliás, é muito um personagem dos anos 80 – eu mesmo – que está nessa novela. Sua fracassada tentativa de se instalar na capital foi uma experiência que tive em 1987, ano da morte de minha mãe. Fui para São Paulo e voltei para o interior com a sensação de que minha vida jamais sairia daquilo. Também fui professor particular de Inglês e tive um amigo bastante parecido ao Russo – Cido Madrugada, boêmio adorável, sem sorte no amor ou na grana, que a vida tragou.

Acho que o professor é bem um pobre-diabo – luta cegamente por sair de sua condição errática e desejaria não ter que fazer opção. Aspira a uma espécie de imobilidade, mas ironicamente a vida o põe num ziguezague constante porque, culto, ele já não tem nada em comum com os conterrâneos nem com a tia, que simplesmente o inibiu para tudo na vida e lhe transmitiu seus medos e limitações. Ele é forçado a se mover, a ser lúcido, a entender – e fugir do que entende. Isso é muito eu, confesso. Vivi num ambiente muito fechado, de horizontes

mentais estreitos, e minha cultura me distanciou dele mentalmente, mas emocionalmente não. A necessidade de exorcizá-lo parece tarefa de uma vida toda de escritor.

Luís da Silva é muito significativo – é o homem do campo (como muitos de nós) que, ao mudar-se para a cidade grande (Maceió, no caso), perde todas as suas referências de honra e família e se afunda num anonimato do qual tentará se redimir por um assassinato “justiceiro”. Tenho o personagem na mais alta conta e um grande respeito e admiração por toda a obra íntegra de Graciliano.

Até o presente, sua obra não ficcional se faz de dois volumes de ensaios fluidos, pessoais, ditados por um leitor voraz, não por um crítico com preocupações acadêmicas. Os autores e textos citados revelam uma mente aberta, que trafega de clássicos incontestáveis como Proust e Dostoiévski a Patricia Highsmith e H. P. Lovecraft, estes últimos nomes bastante controversos nos estudos literários. O cinema, tema de seu primeiro livro de ensaios, Na sala escura (2014), é uma presença frequente também em Um pio de coruja (2015), que privilegia a literatura. O contrário ocorre entre os textos sobre cinema, nos quais você frequentemente evoca a literatura, como quando, por exemplo, comenta livros que originaram filmes. Essas características de seus ensaios marcariam uma discordância em relação à maneira como se escreve sobre literatura dentro da academia?

Gosto muito do formato ensaio, mas, como sempre escrevi os meus para a internet, revistas e jornais, ajustei-os a um público não necessariamente acadêmico, embora não tenha me sentido em nenhum momento aliado à natural vocação massificadora da indústria cultural, que, aliás, critico sempre que necessário nesses

mesmos ensaios. Mas não tenho formação acadêmica, simplesmente fui seguindo meus instintos de leitor assistemático, lendo muito, com prazer, autores os mais diversos que se aproximassem de minhas paixões, o cinema e, claro, a literatura. Sempre gostei de um tipo de ensaio como, no caso do cinema, dos críticos Sérgio Augusto e Amir Labaki, no Brasil, de Pauline Kael e Andrew Sarris, nos Estados Unidos, e de François Truffaut, na França, influências visíveis. No caso da literatura, diria que sempre gostei da forma como Edmund Wilson aborda autores e livros, mas, no Brasil, citaria Antonio Candido, Gustavo Meyer e muitos outros recentes, como Alcir Pécora. Não me sinto comprometido com uma visão acadêmica, por isso gosto de seguir essa linha assistemática, intuitiva, que sempre foi a minha, donde essa mistura de alguém como Proust (para mim, até hoje, o maior de todos os escritores, o meu mais querido) e Lovecraft, um caso excêntrico na literatura de terror, muitas vezes subliterato ou simples imitador de Poe, como dizia Jorge Luis Borges, que não deixou de admirá-lo pela dimensão fantástica, delirante, de seus contos. Patricia Highsmith é outro caso parecido – gosto da atmosfera de seus contos e, aliás, me rendo com frequência ao prazer da literatura policial, lendo muito Ruth Rendell e outros autores do gênero. Creio que por ter sido sempre um leitor solitário, isolado nas cidades do interior onde vivi e onde os grupos literários e as influências acadêmicas não poderiam exercer peso algum, me vi totalmente livre para ir lendo tudo que quisesse, como bom rato de bibliotecas públicas e particulares, de maneira volúvel, eu diria. Mas o tempo me levou a fazer certas eleições e hoje acredito que sei muito mais a respeito de mim mesmo como leitor do que em meu passado de devorador difuso de livros.

Em entrevista a Daniel Souza Luz, para a revista Verdes Trigos, você afirmou não ter a menor intenção de ser agradável e que se via como comercialmente inviável. No entanto, a despeito de inúmeras dificuldades, das econômicas às de posicionamento, seu público se solidifica e nos últimos seis anos você tem mantido um ritmo de publicação bastante expressivo.

Acho, em princípio, que, quando se escreve ficção, pensar em ser agradável ao leitor é muito restritivo. Isso não deve vir como um *must*, na frente de tudo (e acrescento que ninguém tampouco pensa *a priori* em ser desagradável, embora muitos se empenhem em parecer grotescos para agradar a públicos específicos). Sei que não estou apresentando personagens fáceis, unidimensionais, ao público, mas também não me agrada complicar demais – dou por “complicar” a necessidade, que vejo em certos autores jovens, de “entortar os textos”, à maneira joyciana, “fragmentária”, para serem melhor aceitos. Creio que os artifícios, quando exibidos, não são muito bons para a leitura – e aí quase sempre me coloco na posição daquele leitor ideal que aprovaria ou não o que estou escrevendo, e penso que é preciso uma boa dose de amor, digamos, naquilo que pode ser claro sem deixar de ser provocador ou complexo. Gosto da naturalidade e não gosto de enxergar as costuras da prosa – penso mais é no ideal da fluência, sem que isso implique ser raso. Por vezes acho que as dificuldades enfrentadas pela literatura contemporânea junto ao público se devem a uma boa dose de pedantismo ou obscuridade e vagueza deliberada dos autores.

Contudo, não faço nenhuma defesa da facilidade, da escrita opaca e sem ressonância alguma na psicologia, da estética que os editores comerciais parecem considerar a ideal para o momento. Não quero é complicar por complicar, para que digam que tenho um estilo

repleto de esoterismos teóricos e deitem considerações esdrúxulas sobre coisas que não seriam aquelas que eu queria fazer, ao começar a escrever.

Mas, quanto a ser “comercialmente inviável”, tenho certeza (já me disseram isso) que não sou tônico nem otimista e que meu pessimismo e meus finais geralmente “em aberto” perturbam os leitores. Penso que incomodo mais pelo conteúdo do que pela forma, ou, melhor dizendo, pela atmosfera, por certa dramaticidade visceral com que gosto de lidar. Não sou inovador na forma e, se sou, quando sou, isso também não é premeditado.

Quanto a ir publicando, encontrei editores compreensivos, que têm me dado força para seguir com uma literatura que sei bem que conquista adeptos leais, mas não numerosos. Tenho me surpreendido com leitores que me parecem bem armados teoricamente, e alguns apontando coisas que eu nunca teria visto em meus escritos. Na verdade, isso é maravilhoso, é o melhor da vida literária: capturar esse interesse do leitor, perceber que ele se esforça por penetrar em nosso mundo e pode nos enriquecer de um modo sempre imprevisível. Por isso mantenho um diálogo aberto pela internet.

Uma pesquisa realizada a pedido do Sindicato Nacional dos Editores de Livros e da Câmara Brasileira do Livro apontava uma recessão no mercado editorial em 2014 e, segundo Marcos da Veiga Pereira, presidente do SNEL, o ano de 2015 aparenta ter sido até mais difícil, embora ainda não existam pesquisas conclusivas. Há alguns anos você optou por dedicar-se exclusivamente à escrita, seja pela via autoral ou pela via da tradução, o que sempre foi, e continua sendo, uma atitude corajosa numa sociedade capitalista. Como está sendo essa experiência? Viver da escrita é uma espécie de vida de pobre-diabo?

É, eu não negaria que haja muito de pobre-diabice nessa nossa profissão, sempre mais maldição que profissão, sempre mais amadora que realmente profissional, sempre desdenhada ou colocada numa espécie de pedestal de vaidade otária, pois o vaidoso tem mais é que arder: pagará caro por tudo que seus “admiradores” dizem a seu respeito.

Digamos que houve em mim um natural desajuste com as profissões comuns e uma antiga aspiração de estar onde a arte estivesse, de ser artista de algum modo. Não pude ser músico ou cantor, o que gostaria de ter sido, e, desde menino, fui me dando bem com o desenho, a pintura e a escrita. Como tudo isso aconteceu num contexto de pobreza, de cidade do interior onde a ignorância sempre reinou e exigiu de quem fosse diferentes explicações diárias e minuciosas por sua opção incompreensível, nada mais natural que a atitude fosse camicase. Tudo que posso dizer é que o desejo de fazer arte em mim sempre foi tão forte que me dispus a engolir todos os sapos possíveis para fazer aquilo de que gostava. Uma vocação apaixonada para não ganhar dinheiro (rs).

Sobre esta crise editorial, o brasileiro não lê, e a impressão que se tem é que provavelmente os poucos que liam estão lendo cada vez menos. Vai-se à casa das pessoas, mesmo as de uma classe mais abastada, e não se avista uma estante nem com reza brava – o que há são televisões, e cada vez maiores. Creio que as políticas de divulgação da leitura mais enchem bibliotecas públicas e fazem demagogia eleitoral do que outra coisa – os beneficiados por elas se manifestam pouco, ao que parece. Há uma espécie de fetichização ingênua do objeto livro, que mal disfarça uma profunda ignorância dos mecanismos da indústria cultural – como se livros fossem sempre nobres! quanta leitura ruim ou degenerada não há por aí!

Ser tradutor é ser uma engrenagem da indústria editorial, e não das mais valorizadas. Mas ao menos significa remuneração e, para um escritor, um trabalho próximo àquilo que ele já ama: a ficção, sua ficção, que nunca lhe dá dinheiro – pelo contrário: dá-lhe gastos e elogios que não pagam contas. Osman Lins matou essa charada admiravelmente no livro *Do ideal e da glória: problemas inculturais brasileiros*. Somos aquele eterno pobre-diabo do romance *O feijão e o sonho*, de Orígenes Lessa, aliás, injustamente esquecido.

Apesar da alegada crise editorial, 2015 foi um ano agitado pela publicação de três obras importantes: seu primeiro livro de ensaios sobre literatura, Um pio de coruja, seu primeiro romance, Corpos furtivos, e uma caprichada edição de sua tradução de Os papéis de Aspern, de Henry James, todos pela editora Penalux. Como tem sido a recepção dessas obras?

Creio que *Um pio de coruja* foi muito bem compreendido. Uma porção de leitores, entre eles escritores já publicados, apontaram ensaios que disseram ter enriquecido sua percepção de certos temas. Não era outra coisa que eu queria – sinto-me um apaixonado que quer compartilhar sua paixão, ainda que ela pareça muito peculiar.

Quanto a *Corpos furtivos*, é um projeto antigo que durante muito tempo caminhou junto com a novela premiada *O estranho no corredor*, da qual tinha a mesma extensão, mas foi se estendendo e tomando a forma de um romance, devido ao número maior de personagens e situações e ao arco narrativo. Queria muito escrever essa história e obstinei-me em escrevê-la e reescrevê-la quantas vezes sentisse necessário, apesar da maneira com que várias vezes ela foi rejeitada por editores. Cumpri certo calvário com ela, mesmo depois de ter sido premiado com um Jabuti. Não a senti

muito compreendida, e houve até uma editora importante que me disse algo curioso: “O pessoal (?) não aprovou, mas eu adorei. O título é ótimo. A história é muito forte. Mas não é um livro comercial...”. Bem, fui procurar outras. “Não tem potencial de comércio”, foi sempre isso que alegaram, junto com as negativas. Para mim chega a ser elogio, devido à atual inversão de valores na literatura – parece que as virtudes todas de um texto mais conspiram contra do que colaboram para sua publicação. Não desanimei e nem desanimaria por tão débil argumento, e acredito que isso me fez aprimorar ainda mais o romance, que hoje me agrada mais que no passado. Os editores na certa não sabem que acabam fazendo um bem indireto deixando os originais ficarem conosco tanto tempo (rs). A recepção tem sido boa também, e vem de muitos tipos de leitores, o que me faz pensar que essa objeção ao que pode não ser “comercial” é míope: ninguém sabe direito o que o público quer, e não é massificando-o que se achará o segredo de sua receptividade, pois o que é ruim ou extremamente concessivo não é necessariamente o que dará certo.

Os papéis de Aspern também foi bem recebido, e é a segunda tradução que faço de um livro de Henry James (a primeira foi *A volta do para-fuso*, em 2004). Bem, sou suspeito para falar, porque adoro James e seu estilo alusivo, elegante, oblíquo demais, como se diz, que pode tanto seduzir quanto afastar leitores. Li vários livros seus, sempre com prazer, e me interessei muito por sua vida também. Aliás, tenho queda por biografias, o que uma amiga minha chegou a criticar, porque acha que o gênero não tem a devida autoridade, que se nutre de fofoca e comercialismo. Mas me interessam, sobretudo, biografias de escritores, diretores de cinema, artistas. Celebidades da política e outras me dão calafrios.

É possível que essas rejeições editoriais a Corpos furtivos tenham se dado por uma resistência social, da qual as editoras são apenas um reflexo, em ver a mulher representada como ser sexual, ativamente desejante, desidealizado etc.?

Creio que as rejeições podem ter vindo um pouco disso, sim. Minha personagem, Eunice, vive aventuras sexuais desprovidas do glamour demagógico do tipo *Cinquenta tons de cinza*, os homens que ela conhece e enfrenta são mais crus, mais reais, seres humanos que cheiram e fedem. Disse várias vezes que não é um livro lisonjeiro ao sexo masculino e não me espanta que até aqui ele tenha sido recebido melhor por mulheres.

Isso me colocou numa situação curiosa como autor, mas vou lembrar que grandes personagens femininas da literatura universal, como Anna Karenina, Madame Bovary, Isabel Archer (do *Retrato de uma senhora*, de Henry James), Capitu, de Machado, Adrienne Mesurat, de Julien Green, Eugênia Grandet, de Balzac – para lembrar algumas –, foram criadas por homens. Criações por vezes mais matizadas e verossímeis que as criações de escritoras femininas quando estas se comprometem demais com a ideologia feminista e se esquecem que a arte é um território acima disso, que lida com as ambiguidades do que é real.

Eu me meti na pele de Eunice, por assim dizer, e acho que entendi perfeitamente o romantismo deslocado dela, bem como as cafajestadas de seus amores (alguns apenas patéticos). Mas devo acrescentar que acho os escritores suspeitos demais para julgar suas criaturas. A literatura não raro escapa do controle consciente para áreas menos definíveis, menos aparentadas ao ego social que o escritor sustenta. É por isso que o olhar do leitor é que acaba sendo o melhor juiz.

Recentemente o Estadão publicou uma reportagem intitulada: “Escritores premiados começam a procurar os selos menores”. Sua trajetória inclui a publicação por uma editora de grande visibilidade como a Editora 34 e o recebimento daquele que talvez seja o principal prêmio literário do país, mas seus últimos três livros foram publicados pela iniciante Penalux, uma das editoras referidas pela matéria. Qual sua percepção desse movimento de escritores de atestada qualidade literária em direção às editoras de pequeno e médio porte?

É uma tendência natural. Creio que as grandes editoras devam estar mais atentas aos originais que recebem e rejeitam (não falo apenas pelo meu caso, mas pelo caso de outros escritores que conheço) e suponho que nem leiam com cuidado. Estou certo que o tempo corrido e a delegação de leituras a terceiros produzem distorções. É claro que, rejeitado pelas grandes, que às vezes pedirão ajustamentos concessivos e vulgarizadores demais em seus textos, o escritor que quiser manter sua integridade acabará procurando as pequenas. Se tiver a boa sorte de encontrar gente cuidadosa como a Penalux, a Patuá (onde publiquei meu livro de poesia *Caderno provinciano*), tanto melhor. Prevejo, aliás, que todas essas editoras hoje em dia vistas como pequenas acabarão impondo seus nomes no mercado mais depressa do que se imagina. Acho que nada impede que cresçam, pois vêm arrebanhando um bom número de autores que não ingressam no *mainstream* por pura miopia deste.

A carreira de escritor veio tardiamente, considerando que, desde a adolescência, foram a pintura e o cinema que mereceram sua dedicação enquanto estudioso e produtor (como crítico, no caso do cinema). Recentemente, uma pintura sua foi capa do livro de poesia Bar imaginário, de Paulo

Gonçalves. A cada pausa entre uma nova empreitada literária como escritor ou tradutor, aparece um novo quadro, em prova de que esse interesse permanece. Em seus quadros, destaca-se a similitude com ambiências e personagens de sua obra literária. Também surpreende a insistência na representação de pássaros. Quais seriam suas principais inspirações e procuras nas artes plásticas?

A pintura foi minha primeira aventura em arte, pois, quando menino, já desenhava muito, criava meus próprios gibis (rs) e vivia fascinado por lápis de cor e cadernos de desenho. O primeiro caderno que fiz, aliás, foi uma cópia de um álbum de passarinhos, tendo o cuidado de reproduzi-los com total fidelidade e ainda colocar seus nomes científicos (!), tais como eram apresentados no tal álbum. Frequentei uma escola de pintura para aprender os rudimentos de tinta a óleo, pincéis e fabricação de telas, já impressionando a professora, pois cheguei sabendo desenhar. Eu era assim, um menino com um pé nos quadros e desenhos e outro no cinema de minha cidade. Mas também escrevia, e ganhava elogios por minhas redações nos colégios. Só que a literatura acabou se desenvolvendo muito mais tarde, como você observou, e, curiosamente, foi tomando o espaço de todo o resto. Demorei muito a estreiar em livro publicado (só em 2000, já aos 48 anos, com o livro de contos *Nó de sombras*).

Fui descobrindo os pintores de quem gostava através de leituras, de livros de arte, de um amigo ou outro que desenhava e pintava, em conversas informais. Fiquei apaixonado pelo expressionismo, a princípio, Munch e Van Gogh, e depois pelo surrealismo de Magritte, Ernst, De Chirico. E os pássaros seguiram sendo onipresentes em meu trabalho, que foi tomando um aspecto muito pessoal, depois de muita experimentação e hesitações.

Fiz algumas exposições e senti que o público respondia bem às minhas inquietações.

Creio que faço uma pintura-devaneio, com um forte pé na poesia e, às vezes, no cinema (não raro faço colagens de cartazes, cenas de filmes e rostos de atores nos muros das paisagens que pinto). Às vezes ela se aproxima tanto da literatura que dá certo casá-las, como no caso do livro que você citou, *Bar imaginário*, que li no original e achei que tinha eco num quadro que já havia pintado, chamado *Bar da esquina*. De fato, acabou servindo muito bem, creio, como capa.

Adoro a pintura. Não tenho muito tempo para ela, mas, sempre que posso pintar, me sinto feliz. A mesma alegria do menino pobre que, com uma caixa de lápis de cor de seis cores apenas e folhas precárias de cadernos de desenho comprados em armazéns (na época não havia isso de supermercado), aprontava das suas. Nisso, como no resto, sempre mais autodidata do que outra coisa.

A coletânea de poemas Caderno provinciano (2013) surgiu após a publicação de três livros de contos, uma novela e uma autobiografia. Já conhecido como pintor e prosador, você surpreendeu o público com mais essa faceta. A repercussão, aliás, foi bastante positiva, tendo o livro figurado como finalista no prêmio Portugal Telecom. No entanto, ao Caderno provinciano seguiram-se os ensaios e o romance. Podemos esperar outro livro de poesias? Como se dá esse trânsito?

Esse trânsito é um pouco complexo porque, quando comecei a escrever, o que fazia (para amigos) eram letras de música popular, poemas (tempos do tropicalismo, pelo qual eu andava fascinado). E, quando publiquei meus contos e meu romance, já havia escrito dois livros de poemas, que foram se transformando no *Caderno provin-*

ciano e no segundo, que publicarei, sim, embora não saiba quando. Desse modo, posso afirmar que primeiro fui (ou tentei ser) poeta. Mas ambicionava demais ser prosador, o que foi um caminho muito mais árduo. Rasgava todos os contos e novelas que produzia, estava sempre insatisfeito (isso explica minha estreia aos 48 anos).

Hoje em dia raramente escrevo poemas. Meu caso parece complicado por um fato simples: produzi a vida toda, mas apenas nas últimas décadas pude começar a revisar e publicar, de maneira que é toda uma obra que foi mantida submersa. O que acontece, nesses casos, é que parecemos prolíferos demais em livros e às vezes somos criticados por isso. Em meu caso, então, o trânsito entre gêneros parece indicar volubilidade, mas isso é só preconceito: quando se lê o que escrevo, seja sobre cinema, literatura, seja conto, novela, romance, ensaio, poema, creio que há uma identidade muito precisa, uma certa cara minha, que assumo conscientemente.

Voltando ao trânsito entre gêneros, há também um aspecto que me parece curioso: existe certa afinidade entre poesia e conto, o que talvez explique eu ter começado a publicar meus livros em prosa por este gênero. Sempre procurei, através da prosa, uma atmosfera poética, na qual se veem influências da pintura, do cinema. Pensava em termos de histórias curtas devido à condensação, à densidade estética que podem atingir. Nesse ponto creio que o conto pede uma concentração de linguagem, de atenção, de beleza, que é muito próxima à poesia. Talvez eu tenha continuado poeta, só que por outros meios.

Você perguntou dos pássaros ao falar da pintura e acrescento que quem reparar na constância de pássaros em meus quadros e ler meus livros todos notará que eles frequentam muito meus contos (tanto que meu primeiro livro, *Nó de sombras*, teve capa feita pelo artista plástico Manu de Almeida em cima do conto “Uma das mil noites”,

em que há um canário no corredor de uma pensão que canta toda vez que a luz dele é acesa; o pobre pássaro e a lâmpada torturante estão lá). Um de meus contos mais amados chama-se “Certo pássaro noturno” e está no *Hóspedes do vento*, meu terceiro livro de contos. E no meu segundo livro de poesia (do que ainda não posso falar muito) há toda uma seção voltada para os pássaros.